

O ENSINO DA LEITURA NAS ESCOLAS DO 2º CICLO EM PORTUGAL: O CONTRIBUTO DAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS E ESCOLARES

MARIA DA GRAÇA BORGES CASTANHO

Universidade dos Açores
Departamento de Ciências da Educação
9500 Ponta Delgada
Tel: 296 650 000
E-mail: gcastanho@notes.uac.pt

RESUMO

Que as bibliotecas públicas ou escolares, com os seus planos de actividades, poderão prestar um importante contributo na promoção da leitura em Portugal disso parece não haver dúvidas nos nossos dias. Tudo se torna, contudo, menos claro quando em jogo está o aproveitamento efectivo que professores e alunos fazem desses espaços. Investigação realizada, no âmbito do doutoramento sobre o Ensino da Leitura Através do Currículo nas Escolas do 2º Ciclo em Portugal, veio confirmar que os docentes das diferentes disciplinas não tiram partido das vantagens de uma correcta utilização das bibliotecas escolares e públicas, condenando grande parte da população estudantil ao desconhecimento do material escrito disponível no mercado livreiro e contribuindo para os elevados níveis de iliteracia e falta de cultura geral. Ao apostarem no uso quase exclusivo do manual, desrespeitando as preferências de leitura da população estudantil, os docentes estão a contribuir para uma deficiente aprendizagem da leitura e para o desinteresse que os pré-adolescentes nutrem pelo acto de ler.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura, 2º Ciclo, Portugal, bibliotecas escolares, bibliotecas públicas.

INTRODUÇÃO

O presente texto, por questões metodológicas, encontra-se organizado em três momentos distintos. Numa primeira parte, faremos a sensibilização dos leitores para a importância do acto de ler e o papel que as bibliotecas desempenham no desenvolvimento de leitores vitalícios, seguidamente apresentaremos os resultados de um estudo por nós realizado nas escolas do 2º Ciclo em Portugal, no que diz respeito às preferências dos alunos, ao material

existente na escola e ao uso dado pelos professores e alunos às bibliotecas das escolas e públicas e, finalmente, teceremos alguns comentários sobre as matérias em análise, em jeito de conclusão.

A LEITURA E O PAPEL DAS BIBLIOTECAS NA SUA PROMOÇÃO

Se a incapacidade de leitura não põe em causa a sobrevivência, é, certamente, na generalidade das situações, factor dificultador da subsistência, da participação social e do exercício pleno da cidadania.

Tem-se como certo, nos nossos dias, que a leitura (associada à escrita) é uma componente estruturante de um número significativo de eventos [1]. Na maioria das sociedades contemporâneas, os indivíduos, no decurso das suas actividades quotidianas de interacção profissional, convívio social, obtenção e aplicação de conhecimentos, prazer e lazer, confrontam-se com situações cada vez mais complexas de comunicação, as quais exigem o processamento da informação escrita.

São inúmeros os estudos que advogam consequências sociais, políticas, culturais, linguísticas e cognitivas para os sujeitos leitores e respectivas comunidades de que fazem parte. Assim, quanto mais e melhor lêem as pessoas, melhor será o seu desempenho, nas mais diversas tarefas da vida em comunidade, e mais elevado será o seu nível de literacia, "condição fundamental de desenvolvimento económico, potenciação cultural, qualidade democrática e afirmação internacional", como nos lembram Benavente *et al.* [2].

Neste contexto, compreender o que se lê é uma exigência pessoal, social e profissional a que estão obrigados os seres humanos:

“É hoje incontornável o facto de que capacidades reduzidas neste domínio geram, para os indivíduos e os grupos, riscos sérios de exclusão social e, para os países, riscos não menores de subalternização cultural e política”. [3]

Muitos são os que vêem, na leitura, uma prática complexa e multifacetada. Se, por um lado, a leitura é valorizada pela sua dimensão funcional e pragmática, na sociedade em geral e na escola em particular, por outro, ganha contornos de excepção por formar intelectual e moralmente o indivíduo, desenvolvendo concomitantemente a sua imaginação e favorecendo a aquisição de conhecimentos.

A leitura é, não raras vezes, conotada com a substância da vida cultural [4], uma vez que toda a actividade humana passa, mais cedo ou mais tarde, pelo registo em texto escrito - com destaque para o livro - e pelo conseqüente acto de ler. É esse o posicionamento de Sim-Sim, I. [5] ao afirmar:

"A mestria do código escrito é o poderoso passaporte para o conhecimento do que outros, distantes no tempo e no espaço, têm a dizer sobre o real, aqui incluídas as variadas perspectivas e orientações filosóficas e políticas. Para franquear a porta de acesso ao referido conhecimento é necessário ser-se literato, i.e., dominar os mecanismos que nos permitem ler para aprender, tornando-nos, assim, apreciadores do real".

Concordando com as implicações culturais advenientes do acto de ler, Antão, J. [6] defende que a pobreza ou incapacidade de leitura "é sinónimo de atraso cultural, o qual, por sua vez, vai repercutir-se no social, no económico, no político, no moral".

É consensual também o facto de que a literacia, em geral, e a leitura, em particular, contribuem para o desenvolvimento social e sucesso pessoal dos cidadãos, para o acesso à informação e conhecimento, para a criação de uma consciência colectiva e, por via desses mecanismos, para a mudança de mentalidades. Essa capacidade formativa/educativa da leitura revela-se na formação da sensibilidade, no desenvolvimento da linguagem e no entendimento da leitura como aptidão especializada, como uma dimensão cognitiva.

No respeitante às consequências de ordem cognitiva, defende-se que o sujeito-leitor desenvolve o pensamento conceptual, efectua abstracções, generalizações, inferências e constrói um raciocínio sistemático sobre a

linguagem. Victor Aguiar e Silva [7], ao dissertar sobre a língua literária - entenda-se neste contexto texto ficcional, texto literário -, declara que se trata de um "insubstituível meio de conhecimento e aquisição dessa omnimoda funcionalidade e, por conseguinte, o estatuto de privilegiado instrumento de cognição do homem, da sociedade e do mundo".

A mesma tese, numa perspectiva diferente, é apresentada por Rebelo, D. [8]. A autora considera que o acto de ler é um processo mental cuja realização abrange um conjunto de habilidades (fonológica, gramatical e semântica), contribuindo para o desenvolvimento do intelecto.

Na nossa sociedade, é à escola que cabe a tarefa de ensinar a ler. Não sendo uma capacidade inata, a leitura é eminentemente cultural, social, pois resulta de uma caminhada que depende de uma multiplicidade de factores exógenos ao sujeito - potencial leitor [9].

Porque as práticas de leitura, desenvolvidas em contexto escolar, são experiências linguísticas às quais se reconhece o desenvolvimento da dimensão cognitiva, facilmente se conclui que a leitura é um óptimo auxiliar no estudo e é o grande alicerce do processo ensino-aprendizagem que se constrói nas escolas, desde a Língua Materna à Matemática. Neste sentido, visto que ler é um meio através do qual o leitor acede à aprendizagem nas diferentes áreas disciplinares e pela vida fora, lembra-nos Jenkinson [10] que a leitura é a via para a criação de comunidades de leitores vitalícios:

"(...) a leitura é igualmente uma experiência; é susceptível de alargar a compreensão, de desenvolver conceitos e de incrementar constantemente a experiência individual. Na maioria das escolas a leitura transforma-se na principal chave da aprendizagem e continua a constituir a via fundamental para que qualquer pessoa se torne um aprendiz incansável durante toda a vida".

Sendo a leitura tão importante no contexto escolar, não é, pois, de admirar que muitos estudiosos a considerem o conteúdo mais importante a desenvolver junto da população estudantil. É o caso de Charmeaux, E. [11] que, por exemplo, adianta que "dentro da dita acção pedagógica, a prioridade das prioridades é a leitura". Uma prioridade, certamente, a assumir pela escola durante toda a caminhada escolar.

Como todas as actividades linguísticas, a leitura é um processo complexo. O seu domínio não se esgota na aprendizagem da decodificação, muito

do gosto das práticas educativas do primeiro ciclo do ensino básico. Antes pelo contrário, aprender a ler é uma tarefa que exige a coordenação de variadas e inter-relacionadas fontes de informação. Por esta razão, a aprendizagem da leitura terá de ser encarada ao longo de todo o percurso escolar dos alunos, pois

"não há um dia mágico em que passamos de aprendizes de leitura a leitores. Aprender a ler é uma questão de desenvolvimento e, por isso, quanto mais lemos, melhor lemos, porque mais palavras e seus valores se reconhecem, mais pistas contextuais sabemos usar, mais relações podemos estabelecer, em suma, porque mais sabemos". [12]

Como se pode facilmente concluir do anteriormente exposto, aprender e aprofundar as competências de leitura necessárias à criação de comunidades leitoras vitalícias não é tarefa fácil. A fim de a população estudantil se tornar autónoma, melhor dizendo, capaz de transpor para fora do espaço de sala de aula o prazer de ler e a capacidade de saber escolher, seleccionar e interiorizar o lido, os professores devem, para tal, transmitir técnicas de indução à leitura, articuladas com uma didáctica dos sentimentos e das emoções. Neste sentido, a leitura deve ser um processo de aprendizagem de técnicas e estratégias de compreensão, que não dispensam a paixão de ler, pelo que tal responsabilidade não deve recair apenas nas propostas de leitura que os professores fazem, a maior parte das vezes, através do recurso aos manuais escolares. A população estudantil deverá beneficiar da presença nas suas vidas das bibliotecas.

A qualidade da educação, a percepção que temos das bases de apoio ao processo de ensino-aprendizagem e o cuidado colocado na criação de leitores funcionalmente alfabetizados podem ser medidos pelo dinamismo que damos às nossas bibliotecas [13]. A biblioteca, desde sempre templo dos saberes, deve assumir eficazmente essa função de incentivo à leitura e à difusão do livro e da cultura [14].

O modo como nos contextos escolares e extra escolares os indivíduos se encontram com o material escrito determina o seu futuro como leitores. Teoricamente são as bibliotecas (biblioteca de turma, biblioteca da escola e biblioteca pública) que reúnem as condições básicas para se constituírem como espaço estruturante da criação de bons leitores.

Perspectivar a biblioteca como um Centro de Recursos Educativos acolhe, nos nossos dias, a anuência da larga maioria dos agentes de ensino.

Com efeito, conciliar o suporte tradicional do livro com outros suportes audio-visuais e informáticos poderá facilitar a aprendizagem da literacia, dando oportunidade aos alunos que têm estilos de aprendizagem que não os tradicionalmente valorizados pela escola [15] de se identificarem com as aprendizagens e de desenvolverem, por esta via, os seus mecanismos motivacionais. O aluno aprende melhor quando as metodologias de ensino entroncam no modo como cada indivíduo apreende, processa e evoca a informação [16]. Sabendo nós que, para além das inteligências linguística e lógico-matemática, há a visual-espacial, a quinestésica, a musical, a interpessoal e a intrapessoal [17], não pode a escola esgotar-se nas metodologias que obrigam o aluno à passividade. Neste sentido, uma biblioteca renovada, multifuncional, que vá ao encontro dos interesses e necessidades dos alunos, pode dar um contributo valiosíssimo na aprendizagem e mestria das competências de leitura.

Nisto reside o grande desafio da escola: promover a leitura como um bem essencial ao desenvolvimento global do aluno. Uma melhor utilização pelos alunos e pelos professores das bibliotecas contribuirá inequivocamente para a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos.

Com vista à consecução deste propósito, são urgentes alterações profundas não só ao nível dos recursos materiais e adequação de espaços físicos, como também ao nível da sensibilização dos governantes, dos responsáveis pelos estabelecimentos de ensino e dos professores. De nada vale a riqueza do espólio ou a quantidade de equipamentos média ou multimédia, se estes recursos não estiverem ao serviço de um projecto alargado de dignificação e valorização da língua portuguesa, em geral, e da leitura, em particular, na nossa sociedade.

O ENSINO DA LEITURA NAS ESCOLAS DO 2º CICLO

No ano de 2002 defendemos, na Universidade do Minho, uma tese de Doutoramento, elaborada a partir de um estudo nacional, por nós desenvolvido, sobre a Leitura Através do Currículo nas Escolas do 2º Ciclo em Portugal [18]. Permitiu-nos a referida investigação, realizada em 38 escolas do país, com a colaboração de 1557 alunos e 260 professores, conhecer algumas dimensões relacionadas com a leitura e o papel das bibliotecas na formação dos

alunos-leitores e no apoio à prática lectiva dos professores do 2º Ciclo. Os resultados que, de seguida, apresentaremos são provenientes dos questionários dos alunos e dos professores.

Pareceu-nos importante saber qual o tipo de texto que os alunos do 2º Ciclo gostam mais de ler. Como podemos verificar na Tabela 1, os materiais que se enquadram nos valores superiores a 50% são de natureza diversificada. Os resultados sugerem que a população estudantil do 2º ciclo aprecia textos relacionados com a dimensão lúdica do acto de ler (Anedotas, Aventuras, Adivinhas, Histórias Humorísticas) e prefere textos que proporcionam uma leitura fácil, sem grandes desafios, procurando *itens* que já lhe são familiares (Livros com Desenhos, Histórias de Animais, Contos Tradicionais, Banda Desenhada, Revistas). Curiosamente, em simultâneo, assiste-se ao surgimento de uma franja populacional que começa a valorizar tipos de texto distantes do universo da literatura infantil. Apostam numa leitura mais complexa, consubstanciada nas últimas escolhas dos valores iguais ou superiores a 50%: Policiais, Livros de Terror, Legendas na TV, Poesia e Histórias de Amor.

Tipo de Texto Preferido (% igual ou superior a 50% na opção Gosto Muito)	%
Anedotas	88.7
Aventuras	80.8
Adivinhas	79.9
Banda Desenhada	74.4
Histórias Humorísticas	73.6
Revistas	65.8
Livros com Desenhos	64.5
Histórias de Animais	60.8
Contos Tradicionais	55.4
Policiais	55.3
Livros de Terror	53
Legendas na TV	52.6
Poesia	51
Histórias de Amor	50

Tabela 1: Tipo de Texto Preferido dos Alunos do 2º Ciclo

Para além das questões sobre o tipo de texto preferido, apresentámos, nos questionários dos alunos, um leque vasto de temas de leitura, num total de 55 possibilidades de escolha, a fim de os inquiridos se pronunciarem sobre as suas preferências. Analisados os resultados, a primeira conclusão a que se chega é a de que mais de metade dos alunos indicam gostar muito de temas ligados ao universo da afectividade (Amizade, Meninos Bons, Vida em Família, Amor), às realidades que fazem parte das suas

actividades ou interesses (Férias, Festas Religiosas, Animais Domésticos, Animais Selvagens, Desportos, Festas com Jovens, Trabalhos Manuais, Preservação do Meio Ambiente, Vida no Campo, Plantas e Flores, Computadores, Música, Cinema) e à dimensão da descoberta e do prazer do conhecimento (Nascimento dos Seres Vivos, Mar, Estrelas e Astros, Mundos Desconhecidos, Ilhas e Vida de Antigamente). Com uma percentagem próxima dos 50% encontram-se os temas Astronautas, Alimentação, Vida na Cidade, Transportes Marítimos, Vida na Escola e Vulcões/Tempestades (cf. Tabela 2).

Temas de Leitura Preferidos (% igual ou superior a 50% na opção Gosto Muito)	%
Férias	83.5
Amizade	74.1
Animais Domésticos	71.8
Festas Religiosas	70.6
Nascimento Seres Vivos	67.9
Animais Selvagens	66.5
Mar	65.7
Desportos	64.5
Festas com Jovens	64.2
Trabalhos Manuais	62
Meninos Bons	61.1
Vida em Família	60.7
Vida no Campo	60.6
Cinema	59.8
Estrelas e Astros	58.3
Amor	57.9
Mundos Desconhecidos	57.2
Preservação	56.8
Plantas e Flores	55
Computadores	54.1
Música	53.8
Ilhas	52.9
Vida de Antigamente	51.1

Tabela 2: Temas Preferidos dos Alunos do 2º Ciclo

De posse de informação relativa aos tipos de texto e temas preferidos pelos alunos do 2º Ciclo, importa conhecer o material que os professores oferecem na sala de aula, a fim de avaliarmos da possibilidade de a escola estar a promover o gosto pela leitura nas diferentes disciplinas que compõem o currículo.

Neste sentido, os alunos foram igualmente solicitados a indicar que tipo de material escrito lhes é oferecido na escola, mais propriamente no decurso das aulas. Os resultados gerais dos inquéritos levam-nos à conclusão de que há tipos de texto mais usados na escola do que outros. Isto equivale a dizer que os professores, consoante a sua formação, a natureza dos conteúdos que têm de ministrar e os textos a que têm acesso, valorizam mais determinados tipos

de registo escrito em detrimento de outros.

Permite-nos a leitura do Gráfico 1 concluir que, no cômputo geral, o Manual é, na opinião dos alunos inquiridos, o recurso mais utilizado, em praticamente todas as disciplinas, logo seguido, com um diferencial pouco significativo, de Registos no Quadro e Testes/Fichas de Trabalho.

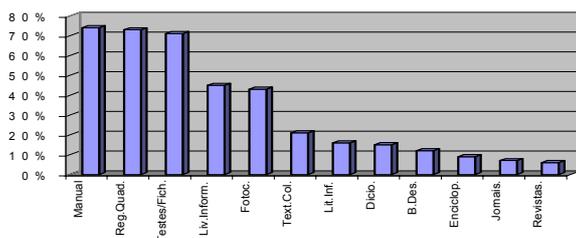


GRÁFICO 1: Material Escrito Oferecido nas Aulas das Diferentes Disciplinas

Do segundo grupo de materiais lidos pelos alunos fazem parte os Livros Informativos e Fotocópias de textos de material diversificado e, por último, surge um conjunto de materiais com índices de utilização muito baixos. São eles, por ordem decrescente, Textos dos Colegas, Literatura Infanto-juvenil, Dicionários, Banda Desenhada, Enciclopédias, Jornais e Revistas, todos *itens* identificados por menos de 20% dos alunos participantes no estudo.

Ao atentar-se na frequência de resposta relativa aos tipos de texto oferecidos aos alunos em todas as disciplinas do 2º Ciclo, facilmente se conclui que existe um desfasamento significativo entre o material que os professores oferecem nas escolas e os interesses dos alunos. Não obstante estes gostarem muito de ler textos lúdicos, com níveis de dificuldade compatíveis com os seus desempenhos, e começarem a apreciar tipos de texto do gosto dos adolescentes (Policiais, Livros de Terror, Histórias de Amor, etc.), a verdade é que a escola aposta quase exclusivamente em textos que se encontram ao serviço da transmissão e avaliação de conhecimentos (Manuais, Registos no Quadro e Testes/Fichas de Trabalho).

À questão lançada sobre quem conduz os alunos a momentos efectivos de leitura, as respostas dadas mostram claramente que há quem desempenhe um papel significativo na sugestão de leituras e quem tenha um peso diminuto nessa

tarefa. As opções de escolha presentes nos questionários dos alunos foram as seguintes: Professores, Pais, Funcionários da Biblioteca da Escola, Funcionários da Biblioteca Pública, Funcionários de Livrarias, Colegas e Publicidade na TV.

Atentemos no Gráfico 2, o qual dá conta dos intervenientes que actuam, especificamente, ao nível da sugestão de material de leitura junto da população estudantil do 2º Ciclo. Dos 1557 alunos que participaram no nosso estudo, 52.3% conta Muitas Vezes com as sugestões de leitura dos Professores e 49.8% dos Pais. Todos os restantes agentes, nomeadamente Funcionários das Bibliotecas Escolares e Públicas, desempenham um papel pouco relevante na tarefa de conduzir a população escolar a momentos de leitura.

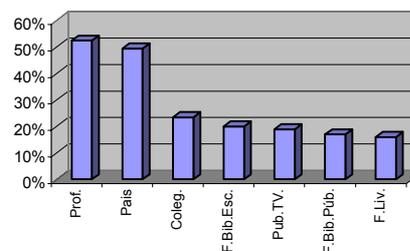


GRÁFICO 2: Agentes que Sugerem Material de Leitura aos Alunos do 2º Ciclo

Questionámos os alunos acerca da proveniência do material de leitura que costumam ler. As possibilidades de resposta apresentadas nos questionários dos alunos foram as seguintes: (1) Material da escola, (2) Livros que me oferecem, (3) Livros que compro, (4) Material disponível em casa, e (5) Livros da biblioteca (pública ou da escola).

A primeira conclusão a que se chega é a de que os alunos do 2º Ciclo lêem sobretudo material extra-curricular. Se considerarmos a totalidade de frequência de resposta à opção Muitas Vezes um *corpus* equivalente a 100%, e se distribuirmos, a partir daí, as percentagens correspondentes a cada *item*, verificamos que o material escolar, correspondente a 11% do total de leituras, é, de facto, o que menos peso tem. No extremo oposto encontram-se os Livros Oferecidos que representam 37% da origem dos textos que os alunos lêem (cf. Gráfico 3).

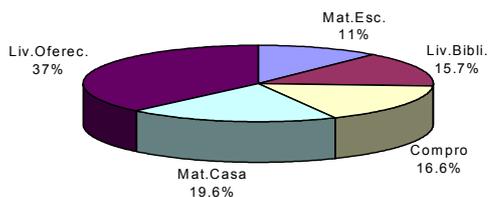


GRÁFICO 3: Proveniência do Material de Leitura

De salientar o papel pouco relevante que a escola e as bibliotecas (pública e escolar) têm, segundo os resultados dos alunos participantes neste estudo, no acesso sistemático à leitura. Os alunos-leitores parecem encontrar, na sua maioria, mais possibilidades de leitura no lar do que nos espaços formais de aquisição e desenvolvimento da leitura. Conseguem-no através de material que possuem em casa, de livros oferecidos e comprados.

Quando se discute a promoção da leitura em meio escolar, há que atender não só às bibliotecas centrais da escola, como também às bibliotecas de turma. Com efeito, a constituição de uma biblioteca de turma tem a grande vantagem de promover "a presença tentadora e acessível de livros e outros documentos que convidam ao encontro quotidiano" [19]. É convicção cada vez mais alargada que a proximidade do material escrito, conjuntamente com a orientação e o incentivo dos professores, tem efeitos positivos nas atitudes dos alunos face à leitura. Assim, neste sentido, é de todo o interesse para a população estudantil e para a escola a organização destes espaços de aprendizagem. Como nos lembra Magalhães, M. [20],

"A zona da biblioteca de turma é fonte de actividades de grupo, tais como procurar informações úteis, escutar uma história, um poema, escolher uma imagem para a elaboração de um texto colectivo e também frequentemente de interações entre cada criança, o educador e um livro ou entre uma criança e um livro numa autonomia valiosa que estas actividades promovem e desenvolvem".

Organizar uma biblioteca de turma é uma actividade sugerida pelos autores dos programas e dos manuais escolares da disciplina de Português do 2º ciclo. Aconselha, por exemplo, Costa, M. J. & Traça, M. E. [21] que a biblioteca seja o suporte dos três grandes conteúdos do domínio Ler (Leitura Recreativa, Leitura Orientada e Leitura para Informação e Estudo). Entende-se que nela devem estar incluídos: a

maior diversidade possível de livros de literatura infantil e juvenil; exemplares das obras indicadas no programa para leitura orientada; obras de informação nas áreas de História, Geografia, Ciências, Arte e obras de consulta no âmbito da disciplina de Língua Portuguesa: dicionários, prontuários, gramáticas e antologias.

A criação de bibliotecas de turma e o fácil acesso ao material escrito ajudam os adolescentes a ganhar interesse pelos livros e a criar hábitos de leitura [22]. Para Atwell [23], servem as bibliotecas de turma não só para os alunos folhearem, falarem acerca das suas leituras, aprenderem a escolher livros consentâneos com os seus interesses, mas também para demonstrar à comunidade escolar que a leitura é uma prioridade em todas as áreas do currículo.

Imbuída desta convicção, perguntámos aos docentes das diferentes disciplinas se colaboram ou organizam a biblioteca de turma. Os resultados obtidos são os representados no Gráfico 4.

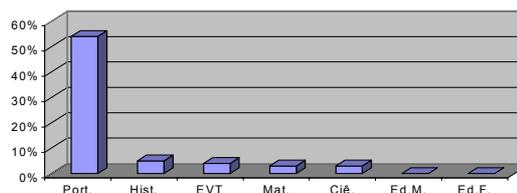


GRÁFICO 4: Docentes que Colaboram ou Organizam a Biblioteca de Turma

Excluindo os 54% dos professores de Língua Portuguesa que afirmam organizar a biblioteca de turma, praticamente todos os outros docentes descuram as vantagens que podem advir desta actividade para a leccionação das suas disciplinas e para o sucesso escolar - imediato e futuro - dos alunos (cf. Gráfico 4).

Os professores inquiridos não colaboram nem organizam a biblioteca de turma com materiais afectos à disciplina que leccionam, por motivos diversificados: há os que consideram a biblioteca geral da escola suficientemente apetrechada para cobrir as necessidades de material para a leccionação; outros defendem que a organização de uma biblioteca de turma é da responsabilidade dos professores de Língua Portuguesa, pelo que tal tarefa não tem nada a ver com os seus deveres de professores de determinada disciplina, nem com os conteúdos que têm de ministrar; há ainda aqueles que consideram que os seus alunos não têm nem maturidade nem regras básicas de

comportamento que lhes permitam desenvolver actividades de biblioteca de turma.

O último argumento é bastante sintomático do carácter de excepcionalidade que as actividades, em torno da biblioteca, têm no seio escolar, em vez de serem interpretadas como um direito à aquisição e desenvolvimento da literacia. Inversamente ao que defendem estes docentes, a existência de uma biblioteca de turma bem dinamizada justifica-se pela possibilidade de ajudar os alunos com rendimento escolar mais fraco e desmotivados pela aprendizagem.

Se analisarmos, em termos gerais, a percentagem da amostra que colabora ou organiza a Biblioteca de Turma, vamos chegar à conclusão de que apenas 17.3% da totalidade dos professores do 2º Ciclo o faz, contra 76.2% que assim não procede (cf. Gráfico 5).

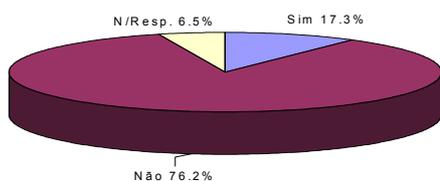


GRÁFICO 5: Distribuição dos Docentes que Colaboram ou Organizam a Biblioteca de Turma

Porque esta actividade acolhe, junto dos professores, pouca aceitação, concluímos que se está a desperdiçar uma das ferramentas essenciais para a criação de comunidades leitoras em idade escolar.

Inquiridos sobre o material de leitura requisitado na biblioteca pública ou da escola, praticamente metade da amostra dos professores do 2º ciclo, referiu que as bibliotecas (pública e da escola) não constituem espaços de obtenção de material de leitura para preparação das aulas e/ou para oferta de momentos de leitura aos alunos em situação de sala de aula (cf. Gráfico 6).

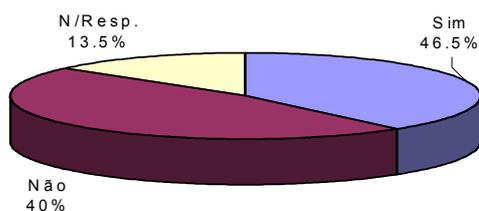


GRÁFICO 6: Docentes que Requistam Material na Biblioteca

Menos de metade da totalidade dos respondentes (46.5%) afirma recorrer à biblioteca para obtenção de material escrito. Esta percentagem é muito baixa, atendendo à limitação de materiais existentes na sala de aula, para além dos manuais.

Dadas as potencialidades das bibliotecas pública e da escola na diversidade de materiais passíveis de utilização na sala de aula, foi do nosso interesse saber de que disciplinas são os professores que frequentam as bibliotecas, qual o material por eles consultado ou requisitado e a utilização dada ao mesmo:

- 56.8% dos professores de Língua Portuguesa respondem afirmativamente quanto ao hábito de ir à biblioteca (da escola ou pública) para requisição de material de leitura com vista à preparação das aulas e/ou posterior leitura a fazer com ou pelos alunos na sala de aula. Declaram os mesmos que requisitam livros de literatura infantil, enciclopédias, dicionários, manuais da disciplina, banda desenhada e prontuários.

- 62.5% dos professores de História inquiridos afirmam recorrer à biblioteca pública ou da escola, na fase de preparação das suas aulas. Nove (37.5%) assim não procedem. Daqueles quinze apenas dez mencionam o que costumam requisitar para ser lido, com ou pelos alunos, na sala de aula. A enciclopédia, o dicionário, o atlas, mapas, títulos de literatura infantil, banda desenhada, manuais, jornais, livros didáticos e programas da disciplina são os exemplos referidos.

- Interrogados os professores de Matemática sobre o hábito de requisitarem materiais de leitura, na biblioteca, para a preparação das suas aulas e/ou leitura no decorrer das mesmas, mais de metade da amostra não responde à questão. Se considerarmos as Não Respostas, conjuntamente com a percentagem dos que afirmam abertamente Não requisitar material de leitura na biblioteca, então, concluímos que apenas 27.6% têm por hábito frequentar a biblioteca em busca de textos para ampliar os seus conhecimentos ou para proporcionar aos alunos outras leituras, para além do manual. Requistam livros sobre a história da Matemática, matemáticos célebres, outros compêndios da disciplina e "dicionários para os alunos ficarem a saber o significado deste ou daquele termo ou conceito que desconhecem", como referencia uma docente. Mais adiantam dois professores que os alunos é

que vão à biblioteca e requisitam o livro ou livros indicados para investigação do assunto a tratar. Pode acontecer também que o professor requisite livros e enciclopédias para, posteriormente, fotocopiar passagens significativas e dar aos alunos.

- Mais de metade dos docentes de Ciências da Natureza (55.2%) não utiliza as bibliotecas pública e da escola para a preparação das suas aulas ou para proporcionar aos alunos, em contexto de sala de aula, material de leitura diversificado. Os que o fazem requisitam enciclopédias, livros informativos sobre a disciplina, revistas, livros da especialidade, livros infantis e livros didáticos.

- A percentagem de professores de Educação Visual e Tecnológica que recorre às bibliotecas com o intuito de enriquecer as suas práticas lectivas, proporcionando mais conhecimento aos alunos, maior diversidade de materiais e mais oportunidades de leitura, corresponde a 28.3%. Isto leva-nos a concluir que a larga maioria dos docentes desta disciplina não requisita materiais nas bibliotecas. Os professores que têm por hábito recorrer à biblioteca adquirem material de leitura diversificado, a saber: livros de história da arte, manuais de E.V.T., livros de trabalhos manuais e de educação visual, revistas, jornais, enciclopédias, livros informativos e técnicos sobre os conteúdos da disciplina que ministram.

- Quanto à disciplina de Educação Musical, 70% dos docentes inquiridos referem não utilizar as bibliotecas pública e da escola. Aqueles que admitem requisitar material na biblioteca adquirem enciclopédias, dicionários, biografias de músicos, manuais didáticos, poemas passíveis de musicar, livros informativos sobre a disciplina e livros da história da música.

- No caso da Educação Física, verificámos que a maioria (86%) não requisita material na biblioteca. Somente 14% dos docentes desta disciplina requisitam livros e revistas desportivas existentes na biblioteca pública.

As razões que levam os docentes das diferentes disciplinas a não usar as bibliotecas escolares e públicas são múltiplas: o material existente não é adequado aos conteúdos a ministrar; os livros são desactualizados, velhos e desinteressantes; não têm disponibilidade para se deslocarem às bibliotecas devido a sobrecarga horária; os manuais das disciplinas têm toda a informação necessária; os alunos é que devem deslocar-se

com frequência às bibliotecas em busca de informação solicitada pelos professores; quanto mais textos mais baralhados ficam os alunos, tanto mais que estes não têm competência leitora para ler livros, ou outro tipo de texto existente nas bibliotecas.

Com base nestas ou noutras desculpas, grande parte dos docentes das escolas do 2º Ciclo do nosso país está efectivamente arredada dos benefícios advenientes de uma correcta e sistemática utilização quer das bibliotecas públicas quer das escolares.

CONCLUSÃO

Os resultados apresentados neste trabalho mostram claramente que o ensino da leitura aos alunos do 2º Ciclo está a acontecer com falhas a diferentes níveis. Por um lado, os materiais de leitura estão desfasados dos interesses dos alunos, favorecendo, naturalmente, o desinteresse e desmotivação pelo acto de ler e, por outro, a utilização dada por alunos e professores às bibliotecas está aquém do desejado, situação grave se atendermos aos desafios impostos pela globalização.

A literatura da especialidade é bem clara ao defender que as bibliotecas, quando bem dinamizadas, desempenham um papel decisivo no combate à iliteracia e à exclusão social que dela decorre. É absolutamente imprescindível dar aos alunos os instrumentos necessários, em sala de aula e fora dela, para que eles aprendam a ler e a gostar de ler, a saber como ler e o que ler. Para isso, é importante que o espaço da aula se articule com o da biblioteca escolar, e este com o da biblioteca municipal ou pública, para que a leitura deixe de ser obrigação curricular e passe a fazer parte dos hábitos fundamentais das crianças e jovens. Todas as bibliotecas em conjunto e cada uma delas por si poderá constituir a diferença na vida pessoal, académica, social de milhões de pessoas, abrindo horizontes, informando, formando, contribuindo, em suma, para uma vivência global em cidadania.

Em conformidade com o anteriormente exposto, e tendo em mente que a aprendizagem da leitura é uma tarefa para o resto da vida, acontecendo, por isso, em múltiplos contextos formativos e informativos, importa chamar a atenção dos professores das diferentes disciplinas que integram o currículo e responsáveis pelas bibliotecas escolares e públicas para a necessidade de compreenderem que o trabalho

por todos realizado contribui para aprendizagem da leitura. Todos proporcionam momentos de ensino da leitura e, nesta linha de raciocínio, todos estão a contribuir para a sua aprendizagem.

Durante séculos, entendeu-se que ensinar a ler era uma tarefa só de professores – com destaque para os do 1º Ciclo –, e que acontecia em contextos formais. Hoje o entendimento que se tem das competências de leitura ultrapassa a mera instrução das letras, sílabas, palavras, compreensão de um texto. O domínio destas competências por si só não faz dos indivíduos bons leitores nem dá garantias de que estes continuarão a ler pela vida fora. Hoje aprender a ler passa também pelo conhecimento do material escrito disponível nas livrarias, nas bibliotecas e na internet; pela capacidade de localização e selecção do material escrito de que se necessita; pela capacidade de adaptar a leitura aos objectivos da mesma, retirando o máximo de informação em tempo cada vez mais reduzido; pela capacidade de conciliar leituras em busca de informação relevante e leituras por prazer; e, finalmente, pela capacidade de relação do lido com experiências e conhecimentos previamente existentes.

Ora, como se sabe, este tipo de competências só se adquire com muitas horas de leitura, fora da pressão dos conteúdos escolares. As bibliotecas escolares ou públicas, ao proporcionarem momentos de leitura recreativa, por prazer, bem como momento de leitura em busca de informação, jogam um papel insubstituível na formação de bons leitores para o resto da vida.

Em jeito de conclusão, importa referir que, apesar da negatividade dos resultados por nós apresentados, muito trabalho com qualidade há a registar. Em cada ano que passa, as perspectivas de um correcto aproveitamento de recursos e sinergias têm vindo a melhorar. Por exemplo, o actual Governo Português, em boa hora, retomou o projecto do Plano Nacional de Leitura (PNL), iniciado em 2004 pelo então Ministro da Educação Professor David Justino, do qual fui a primeira Coordenadora Nacional. É com grande optimismo que acompanho, agora na qualidade de Membro do Conselho Científico, a aplicação, no terreno, do actual Plano.

De fora do esforço governamental em promover os índices de literacia junto das camadas mais jovens não pode ficar outro projecto de grande relevo para o país que já conhece uma década de existência: Rede de Bibliotecas Escolares que tanto tem contribuído para a valorização,

dignificação e disseminação das bibliotecas nas escolas. Pena é que, até ao momento, a Região Autónoma dos Açores não tenha aderido formal e oficialmente a tal programa.

NOTAS

1. SOUSA, M. L. - A construção escolar de comunidades de leitores - leituras do manual de português. Dissertação de Doutoramento. Braga: Universidade do Minho, 1998.
2. BENAVENTE *et al.* (coord.) - A literacia em Portugal: resultados de uma pesquisa extensiva e monográfica. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Conselho Nacional de Educação, 1996, 407.
3. BENAVENTE *et al.* (coord.) - A literacia em Portugal: resultados de uma pesquisa extensiva e monográfica. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Conselho Nacional de Educação, 1996, 396.
4. GRATIOT-ALPHANDÉRY, H. - O papel da leitura na formação da criança e do adolescente. In J. Jolibert. & R. Gloton, O poder de ler. Porto, Livraria Civilização – Editora, 1978.
5. SIM-SIM, I. (1994) - De que é que falamos quando falamos de leitura, Inovação. 7: 2 (1994), 132.
6. ANTÃO, J. - Elogio da Leitura, Porto, Edições ASA, 1997, 6.
7. SILVA, V. A. - Teoria da literatura I. Coimbra: Almedina, 1984, 173.
8. REBELO, D. - *A problemática do texto na língua portuguesa*, Revista Portuguesa de Educação. 3:4 (1990).
9. CIMAZ, J. - A qualidade de não leitor não é inata, é adquirida, In J. Jolibert. & R. Gloton, O poder de ler. Porto: Livraria Civilização – Editora, 1978.
10. JENKINSON, M. - Formas de ensino, In Ralph C. Staiger (ed.), O ensino da leitura I. Portugal: Editorial Estampa, 1976, 74.
11. CHARMEAUX, E. - Nem aos 6 ... nem aos 3 anos, a aprendizagem da leitura começa no berço, Education Enfantine. 3 (1980), 10.
12. SOUSA, M. L. - Ler na escola, In F. Sequeira *et al.* (org.). O ensino-aprendizagem do português - teoria e práticas. Braga: Universidade do Minho,

- Instituto de Educação, 1989, 50.
13. SILVA, L. M. - Bibliotecas escolares e construção do sucesso educativo. Dissertação de Doutoramento em Educação. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Educação, 1998.
 14. ESTEVES, M. - Educação literária e a sua relevância no processo de desenvolvimento do leitor criança. Dissertação de Mestrado. Braga: Universidade do Minho, 1994.
 15. ZENHAS, A. *et al* - Ensinar a estudar aprender a estudar. Porto: Porto Editora, 1999, 11.
 16. GRINDER, M. - Righting the educational conveyor belt. Portland Oregon: Metamorphous Press, 1991.
 17. GARDNER, H. - Frames of mind. New York: Basic Books, 1993.
 18. CASTANHO, M. G. - A leitura através do currículo nas escolas do 2º ciclo em Portugal. Tese de Doutoramento. Braga: Universidade do Minho, 2002.
 19. MAGALHÃES, M. L. - A formação de leitores e o papel das bibliotecas, In M. F. Sequeira (coord.). Formar leitores: o contributo da biblioteca escolar. Lisboa: Ministério da Educação, Instituto de Inovação Educacional, 2000, 63.
 20. MAGALHÃES, M. L. - A formação de leitores e o papel das bibliotecas, In M. F. Sequeira (coord.). Formar leitores: o contributo da biblioteca escolar. Lisboa: Ministério da Educação, Instituto de Inovação Educacional, 2000, 64.
 21. COSTA, M.J. & Traça, M., E. - Clube de português: língua portuguesa 6º ano. Porto: Porto Editora, 1992.
 22. KRASHEN, S. - The power of reading: insights from the research. Englewood, CO: Libraries Unlimited, Inc, 1993.
 23. ATWELL, N. - In the middle: writing, reading and learning with adolescents. Portsmouth: NH, Boynton/Cook, 1987.